luta para morrer, acabam de inanição, entre um encolher de hombros e um bocêjo. Não será necessário citar exemplos: basta que cada um se considere e ao passado. E' um meio fácil, mas que parecendo resolver agrava o mal. E é em nosso próprio interêsse, estudantes que ámanhã vão passar de ensinandos a dirigentes, que devemos tudo discutir, atacando ou defendendo. Será o processo aqui seguido. Isto dito, tenham a bondade de abrir o jornal e lêr a outra prosa, que se o principio não é bom pode ser que o resto os satisfaça.

Dos Livros

Será feita, obrigatoriamente, a apreciação das obras de que forem enviados dois exemplares à redacção deste jornal.

D. Sebastião, Rei de Portugal

: *Antero de Figueiredo* :

Deixando a outros mais competentes a discussão das aliás discutiveis ideias do Prefácio, eu encaro o *D. Sebastião* de Antero de Figueiredo como obra de arte. Aceito, pois, a figura do Desejado na interpretação do seu apologista: Sou dos que pensam que um Artista é livre de interpretar os próprios vultos históricos como melhor convenha à sua arte e ao seu temperamento. Claro é que um Artista assim muito raro poderá ser simultaneamente um historiador. Mas eu esqueço-me por sistema de todas as pretensões de Antero de Figueiredo — tirante a de fazer arte. E se como obra de arte o seu livro me interessa, mais do que pelo talento nêle manifestado é pelo relêvo com que exemplifica uma das caracteristicas da literatura contemporánea. E' ela o gôsto do decorativo e do artificioso, a megalomania da amplificação verbal, o culto da palavra pela palavra, a modernisação do gongorismo. Esta tendência, tão observavel nos nossos escritores consagrados como nos candidatos à consagração, lavra tanto nos que se voltam para a literatura nacionalista (incluindo os regionalistas) como nos que se penduram do modernismo cosmopolita. Antero de Figueiredo, tido por um Mestre, pareceu-me no seu último livro um belo exemplo a comentar. Vejamos. « Este D. Sebastião » — diz o autor falando dos intuitos estéticos do seu livro — « estima ser melhor que romance: ser vida. Deseja ser superior à vida: ser beleza ». Eis palavras que o escritor muito a seu gôsto reuniu com donaire, mas que nem por isso têm grande significação. Com efeito: O seu livro «estima ser melhor que romance: ser vida ». Ora qual é o génere literário mais próximo da vida do que o romance? Como pode um livro ser vida senão sendo romance, isto é: imitação e interpretação dum pedaço de vida? Mas ser vida ainda não satisfaz a megalomania do *D. Sebastião* (Falo do livro, entenda-se.) » Deseja ser superior á vida: ser beleza ». Ora como pode êle ser beleza senão sendo vida interpretada, isto é: sendo romance? Quer dizer: O livro de Antero de Figueiredo estima ser vida para ser melhor que romance, deseja ser beleza para ser superior á vida, e só pode ser vida e ser beleza sendo romance ou participando do romance. Aí fica exemplificada, ou pelo menos sugerida, a caraterística dominante do *D. Sebastião:* Culto da retórica até ao sacrificio da ideia, da emoção, da vida, da beleza verdadeira e profunda. Aclamado um dia como estilista (Ah! que mau dia lhe foi êsse!) Antero de Figueiredo quedou-se de tal modo a bolear a frase, a rebuscar o termo, a procurar o efeito — que conseguiu escrever um livro como o *D. Sebastião*. Ora o que é o *D. Sebastião?* No gôsto do seu autor, é um livro admiravelmente escrito. Quer isto dizer que é um livro admiravel? Não!

A preocupação purista não pode deixar de ser secundária numa obra de arte. Um estilo só vale — quando o estilo é o homem. Ora o estilo de Antero de Figueiredo . é o homem de letras. E no entanto, ainda é êle a maior recomendação do livro. E' triste, mas é verdade. Senão, tome-se o volume: Procurem-se nêle intuições psicológicas, adivinhações de dramoturgo, profundezas de emoção ou de pensamento, intenções ocultas e superiores. Acharemos que aquele « trecho de história posto em arte » é apenas uma série de capitulos formados por pedaços de prosa. A psicologia das figuras é rudimentarissima, incluindo a do heroi. Quem quizer a prova, releia, por exemplo, o capitulo que o autor chamou: « Educação religiosa e misticismo guerreiro». Para cantar a adolescência de D. Sebastião — singular manequim digno de ser animado por um Ibsen, um Dostoïewsky ou um Shakespeare — o autor só acha algumas anedotas que não espreme, algumas ingenuidades, e algumas frases tão literárias, tão postiças, como isto: « Assim educado e instruido, lançava-se em devaneios coloridos: sua alma mística sonhava azul; sua alma guerreira sonhava vermelho » (pag. 94). Isto é pôr em pé corpos mortos? Isto, em calão literário, chama-se *fazer estilo*. Estas coisas esquisitas, êstes « devaneios coloridos », só podem ser escritos pelos temperamentos bizarros que os sintam. Por aqueles em quem o estilo é o homem. E então, já não serão só literatura. Mas para que insistir? Este gôsto de literatura trai-se em todo o livro de Antero de Figueiredo: Nos titulos dos capitulos, na scenografia das descrições, na pesquisa do vocabulário arcaico, no amaneirado da exposição, na ênfase de certas tiradas lírico-oratórias, etc., etc. Ora como simples *literato*, Antero de Figueiredo merece a consagração que goza. Veja-se, por exemplo, os retratos que esmaltam o seu livro. São primorosos, embora a gente esteja a vêr o pintor dispô-los. Releia-se o capitulo « A lição dos mortos »; o de « Muitas e desvairadas gentes »; os de « Em terras de Magrebe »; os de « Alcácer-Quibir». Salvando alguns pedaços mais vivos, todas essas páginas triunfam apenas pelo *belo literário*. Sente-se nelas que o autor se preocupou muito mais com adornar o seu painel do que com o fazer vibrar. Ora sendo êste talento retórico aceite pelo próprio autor como requinte de arte, como beleza superior, eu não teria o direito de acusar um artista que consegue o que deseja; não, se Antero de Figueiredo tambem se não propuzesse pôr « em pé corpos mortos e neles seu espirito ausente; animar scênas e mover quadros parados ». Para isso, é que não bastam os belos dotes literários exibidos nêste livro tão conscienciosamente escrito. Para isso, é preciso ter uma arte aparentemente muito mais simples, mas realmente muito mais complexa.

El hombre que mató al Diablo

: : *Aquilino Ribeiro* : :

: : La Novela Semanal : :

« .. Pero su amor vino tarde. El mio murió por ahi. . Murió desde esa hora en que me fué posible dejar de desear. . ». Assim fala Macário — o homem que matou o Diabo — na última página da novela de Aquilino. E as suas palavras abrem-nos a novela: A' força de insistir, Macário cansa; e no momento de alcançar — compreende que já não ama nem deseja. Assim consegue matar o Diabo que o possuira — belo Diabo luxurioso e sentimental: entregando-se todo, insistindo sempre, obrando tudo para chegar ao instante da vitória .. frustrada.

A concepção é curiosa, com o seu quê de imprevisto. E no entanto, a importância dada pelo autor à descrição acidental e à dramatisação episódica fazem da ideia geratriz uma espécie de pretexto para a manifestação de certos dons literários. Ora triunfantemente exibidos em livros de pêso, êsses dons literários nem sempre quadram ao molde que o escritor aqui lhes talhou: Sem deixar de ser o autor da *Via Sinuosa* ou das *Terras do Demo*, Aquilino condescendeu com a maneira moderna, cinematográfica, das novelas da moda. Por isso peca a sua novela. Toda a gente reconhece em Aquilino Ribeiro ótimas qualidades de prosador e de romancista. O seu vigor de dramatisação, o seu conhecimento da lingua, o seu poder descritivo, a saborosa originalidade das suas imagens, a sua intuição do diálogo pitoresco — fizeram dele o autor de alguns livros fortes e vivos. Mas comprazendo-se na *divagação*, Aquilino ostenta por demais as suas belas qualidades para ser o novelista cortante, nervoso, sintético, da hora literária. Vejamos a sua novela: A scêna da confissão, a da entrega das pratas, a do reencontro de Isabel e Macário, revelam a mão que as escreveu. Mas têm elas mais importância, no desenvolvimento da narrativa, que muitas outras só fugidiamente esboçadas? Seria fácil provar o contrario. Proporcionalmente desenvolvidos os vários episódios da sua ficção, Aquilino Ribeiro teria escrito um romance — que seria interessantíssimo. Assim, escreveu uma novela a que a má proporção das parte

dá um irremediavel aspecto de fragmentação. A sua novela é um esbôço com páginas acabadas, de romance, e outras só escritas para ligação dessas. Não enumerarei agora os dons literários — dons de observador e de estilista — que no autor compensam esta falta de construção. Quero citar apenas o seu talento de retratista, tão discreta e subtilmente usado na novela. Não possuindo predominantemente o dom da imaginação psicológica, da pesquisa de vida interior, Aquilino tem no entanto a visão pitoresca dos seus herois: Tudo o que exteriormente os caraterisa e os anima, êle o anota com agudeza e finura. Monseñor don Alonso, Regina, Isabel, Cipriano, Macário, Lu —são esbocetos apenas entrevistos, mas já poderosos de naturalidade e vida.

José Régio.

Tempo Perdido, pelo *Dr. J. M. Teixeira de Carvalho.* Imprensa da Universidade—Coimbra — 1924.

Raro espirito o deste homem que após uma vida em que a sua inteligencia e o seu engenho o assinalaram entre os maiores, continua na morte a falar, a encantar, a engrandecer-se!

Os trabalhos que, no seu caminho foi deixando, agora por mão amiga compilados, mostram-nos que essa criança de grandes barbas alvejantes, luminosas como a sua alma, era melhor e maior do que muitos julgavam, mormente aqueles que só lhe conheceram o verbo faiscante, a ironia contundente que a fogo os marcava.

Muito se enganaram, pois, aqueles que, morto ele, julgaram emmudecida aquela voz. Não. Cada vez é mais viva, e mais eloquente e mais embaladora, embora menos contundente.

A prová lo, ai temos os seus livros, que, uns após outros, vem aparecendo, com uma continuidade impressionante.

Dos ultimos, falaremos daquele cuja indole mais se amolda ao feitio desta revista de moços — *Tempo Perdido.*

Este livro mostra-nos o seu autor sob um aspecto novo — o de contista. Contista á sua maneira, é bem de ver.

Ninguem falava como ele, ninguem pensava como ele, ninguem via como ele. E' natural, portanto, que ninguem conte como ele. E assim é.

Contos, não é bem. Impresões d'arte, emoções, palhetadas, manchas de luz, rápidas, leves, mas sempre fulgurantes.

Não se confundem.

Querem vêr? E' do *Natal no Céu:*

« Santo Eloi, o grande ourives, tem no céu grandes oficinas em que trabalham os anjos noite e dia, a polir e a facetar as dôres choradas sôbre a terra. E não ha lágrima que nas mãos dos Anjos se não ponha a rir e a brilhar como custosa pedra preciosa. O rubim vermelho do sangue derramado, a pérola da lágrima chorada, a esmeralda das verdes ilusões desfeitas, todas as cristalisações irisadas da dôr são cravadas pelos Anjos, ourives na prata que vem das terras da lua, ou montadas em filagrana de sol e todas, todas se gastam nos bordados para enfeites dos vestidos que cobrem os corpos liliais das Santas ».

Lindo, não é verdade?

Pois erra assim, delicado e luminoso, êsse alto espirito que os moços de hoje não conheceram mas de que se lembram, com internecimento e saudade, todos quantos por aqui passaram nos últimos 50 anos!

Uma questão académica

Mário de Castro, estudante da Universidade de Coimbra, publicou agora em folhêto algumas peças do processo disciplinar que lhe foi movido pela Faculdade de Direito de Lisboa, juntando-lhe as considerações elucidativas que o caso merecia e precisava. Não porque os amigos deste jornal sejam amigos de Mário de Castro, mas porque nessas quarenta e tal páginas se definem e focam atitudes de nobreza de caracter e de cobardia moral, de espírito de justiça e de opressão estreita de classes, de desassombro sereno e de vaidade ferida, é-nos grato transcrever as linhas seguintes, do capitulo — *Conclusão:*

— « De nada valem os acontecimentos, quando não conteem um qualquer significado social que os distinga e os caraterise, de nada valiam os documentos e nada justificaria que eles viessem desta forma a público, se não contivessem copiosa moralidade. Com efeito, o que dentro deles se agita não é apenas uma questão disciplinar motivada por um conflito entre um aluno e um professor; não é apenas a personalidade moral de dois homens e já isso era valioso elemento de estudo — o que nitidamente ressae e se define nestes acontecimentos; eles tiveram o condão de trazer á superficie, em toda a sua cruel evidência, os vicios de organisação e funcionamento que fazem da escola portugueza uma ruina que dificilmente mantem o equilibrio lógico perante as rajadas de renovação social e scientifica que sopram de todos os quadrantes e, sobretudo, perante o bafo quente das imperiosas necessidades nacionais. Verdadeiramente, o que se agita nestas páginas que ofereço aos pedagogos e aos reformadores, como optima documentação, é todo um problema nacional, é todo o problema português por excelência: o problema da reforma da mentalidade, tão certo é que, por via de regra, da escola saem os elementos que a compõem. E' a necessidade duma pedagogia nova que não atrofie mas estimule e corporise o élan espiritual dos moços: uma pedagogia que substitua o culto da esperteza negativista dos juristas, a quem soe chamar-se lisongeiramente raposas, pelo culto da verdadeira inteligencia — a inteligencia sincera, a inteligencia creadora que usa a clareza como método e busca a verdade como único fim. Uma pedagogia nova, susceptivel de educar carateres e formar inteligencias, que ao desregramento dos fetichismos sentimentais substitua, na análise dos problemas, a disciplina forte do raciocinio critico. Uma pedagogia que radicalmente transforme as tendencias parasitárias do portuguès, dando lhe a conformação, ao mesmo tempo individual e social, do homem viril que em si próprio, nas energias da sua vontade, nas aplicações da iniciativa própria encontre a força que leva ao triunfo. Uma pedagogia, emfim, que dê á Nação os homens de que a Nação precisa: inteligencia clara, vontade firme, posta ao serviço dum nobre e fecundo idealismo de acção, inconfundivel, por isso mesmo, com arroubamentos misticos de oração. E sob esta doutrina como fim, uma organisação escolar, corporisando-a, que a ponha em movimento. Uma organisação escolar que faça do ensino, não um diletantismo mas um sacerdócio; uma organisação que invalide a possibilidade de os mestres *cristalisarem* e entre eles e os alunos estabeleça a mais intima comunhão espiritual, que desfaça esta monstruosidade pedagogica ainda actualmente viva, por virtude da qual, mestres e alunos são castas *ensimesmadas*, vivendo uma vida àparte e antagónica, de que é uma prova eloquente, esta expressão d Dr. José Tavares para mim, a propósito do conflito « o senhor naturalmente lá com os seus colegas defende-se como eu me defendo com os meus .. »

« Uma organisação escolar baseada num conceito novo de disciplina, para sempre postergar-se esta noção estúpida, anacrónica, insuportavel que ainda corre mundo, e em virtude da qual o professor e o aluno sao como comandante e soldado raso! »